

Criando Raízes e Espalhando Sementes¹

Quando a Hillsong se estabelecer em São Paulo, não será fácil transformar uma multidão em uma família. Todos virão de uma cultura de igreja diferente e a Hillsong terá que desconstruir essa cultura antes de reconstruí-la. Em Sydney é mais fácil porque a Hillsong é a igreja local, mas no Brasil as culturas de igreja local são mais fortes do que a cultura da Hillsong.

Estudante brasileiro do Hillsong College em Sydney

Neste último capítulo, discorro sobre a criação da Hillsong São Paulo e como o estilo da Hillsong se espalha pelo país, tanto de forma virtual quanto presencial. Enfoco os desafios enfrentados pela megaigreja no Brasil, que não só trazem à tona questões decorrentes da expansão global da igreja por meio da criação da marca Hillsong (*branding*) e dos fãs clubes (*fandom*), mas que também evidenciam as tensões naturais que surgem quando uma rede global cria raízes em um contexto local. Argumento que como uma megaigreja com filiais em diversos países, com culturas evangélicas distintas, o estilo da Hillsong precisa ser ajustado a fim de se mostrar ao mesmo tempo inclusivo, e, portanto, relevante para os jovens, e conservador, possibilitando sua expansão global. No Brasil, o lado inclusivo da Hillsong e sua hierarquia, de certa forma mais igualitária, precisaram se acomodar a um estilo mais conservador e autoritário das igrejas evangélicas brasileiras.

Enquanto no capítulo anterior foram analisados os conflitos que surgiram após o retorno dos jovens brasileiros da Austrália, neste o foco recai sobre essas diferenças de estilo, isto é, as igrejas como instituições. Antes de se estabelecer em São Paulo, a Hillsong precisou treinar um grupo grande

¹ Capítulo traduzido para a língua portuguesa por Julia Silva de Souza, sob supervisão e revisão de tradução da Profa. Dra. Rozane R. Rebecchi e Profa. Dra. Cristina Rocha.

de voluntários que pudessem replicar o estilo de culto da Hillsong. Por si só, isso já se revelou um desafio, pois esses voluntários estavam imersos em uma cultura mais conservadora. Além disso, com receio de perderem seus jovens para a Hillsong, as igrejas brasileiras reagiram de duas maneiras: criticando a megaigreja ou adotando e adaptando seu estilo. Assim, o estilo da Hillsong se espalha pelo país não só criando raízes, ao estabelecer filiais, mas também espalhando como um rizoma, quando outras igrejas adotam e adaptam o seu estilo.

Preparando o Terreno em São Paulo

Após estabelecer filiais bem-sucedidas em Londres (1992), Paris (2005), Estocolmo (2009), Nova Iorque (2010), Amsterdã (2012), e em outras cidades globais, a Hillsong partiu para conquistar a América do Sul. Em julho de 2015, o pastor australiano Chris Mendez, filho de pais argentinos que emigraram para a Austrália na década de 1970, mudou-se com a família para Buenos Aires para implantar uma nova filial da Hillsong, que se tornaria a sede da América Latina. Ao mesmo tempo, Mendez começou a viajar para o Brasil para começar a semear um novo campus em São Paulo. Na cidade, a maioria dos jovens brasileiros que haviam sido voluntários na Hillsong de Sydney, Londres, Nova Iorque e em outras filiais ou haviam estudado no Hillsong College esperavam ansiosamente a convocação para atuarem como voluntários na igreja. Os fãs das bandas de louvor da Hillsong também estavam animados para fazer parte da igreja. Afinal, há anos eles imploravam para a Hillsong se estabelecer no país – pessoalmente, durante os shows das bandas, e nas redes sociais.

Conforme esperado, desde fevereiro de 2015, quando saiu a notícia de uma futura filial em São Paulo, houve um frenesi de mensagens e fofocas nas redes sociais brasileiras, em sites de notícias religiosas, e até mesmo nas mídias não religiosas. Em maio, quando a conta oficial do Facebook da Hillsong São Paulo anunciou uma noite de informações em uma casa de shows no Jardim Europa, um bairro de classe alta, o perfil foi bombardeado

por comentários e perguntas. Muitos perguntaram se tinham que comprar ingressos para o evento, demonstrando que havia uma confusão entre show da banda e a igreja no imaginário destes jovens brasileiros. Os ingressos grátis se esgotaram rapidamente e naquela mesma noite ocorreu uma segunda sessão de informações. Meses depois, quando o então pastor sênior, Brian Houston, liderou pessoalmente uma dessas noites, o espaço estava tão lotado que, enquanto duas mil pessoas conseguiram entrar, outras duas mil e quinhentas pessoas ficaram de fora depois de esperarem por horas na fila em uma noite chuvosa. Havia pessoas de diversas partes do Brasil nesse evento. Nem mesmo os líderes da Hillsong esperavam tanto sucesso. Nos dois anos seguintes, as várias outras noites de informações e noites de DNA² também atraíram tantas pessoas que foi preciso realizar mais de uma sessão por noite. Além disso, os pastores da Hillsong do mundo inteiro começaram a participar desses eventos, geralmente depois que visitavam a sede de Buenos Aires. A igreja finalmente abriu as portas no final de outubro de 2016.

Quando eu perguntei aos pastores brasileiros da Hillsong porque houve um intervalo de dois anos entre o anúncio dos planos de abrir uma filial e a inauguração da igreja, eles me deram vários motivos. A igreja estava focada primeiramente na consolidação da filial de Buenos Aires. Eles estavam resolvendo alguns problemas iniciais (procurando um lugar, treinando voluntários, traduzindo e publicando os livros de Brian Houston, resolvendo burocracias). Também precisavam garantir que houvesse uma grande quantidade de voluntários treinados e de fiéis nos cultos. Como observou Porter sobre a implantação da Hillsong Oxford, “A padronização é importante para produzir uma verdadeira experiência Hillsong” (2017, p. 172). Argumento que essa atenção aos detalhes está relacionada com a

2 O pastor responsável pela inauguração da Hillsong na Suécia explicou que “A Noite de DNA é basicamente um encontro voltado para tópicos sobre liderança e sobre a missão e a cultura da sua igreja. Isso é muito importante antes de abrir uma nova filial porque envolve as pessoas na missão e no coração da igreja.” Veja em: <https://hillsongstaging.com/collected/ru/blog/2016/06/3-foundations-of-a-new-campus/>.

necessidade de preservar uma das características mais importantes da Hillsong, e que é especialmente importante para os brasileiros: a excelência.

Enquanto isso, o anúncio de que a Hillsong estava chegando ao país causou grande comoção nos círculos evangélicos brasileiros. Como visto no capítulo 1, a megaigreja estava recém se recuperando de um escândalo envolvendo um casal gay que liderava o grupo de coral de Nova Iorque e muitos pastores brasileiros condenavam a Hillsong por apoiar casais do mesmo sexo. Além de estarem receosos com a competição, temiam perder os fiéis mais jovens. Para abafar as más notícias, o pastor Mendez investiu em uma estratégia de política de boa vizinhança. Ele começou a viajar pelo Brasil para se reunir com pastores locais para assegurar-lhes que a Hillsong não pretendia atrair os jovens de suas igrejas. Ele afirmava o mesmo toda vez que conversava com algum brasileiro e nas noites de informações das quais participei no Brasil. Por exemplo, durante o primeiro evento, em maio de 2015, um site de notícias evangélico reproduziu o discurso de Mendez:

Não estamos vindo para São Paulo achando que a igreja é a resposta para tudo. A resposta é Jesus. Uma igreja como a Hillsong, que é muito conhecida – muitos de vocês estão aqui porque conhecem nossas bandas de louvor – e entusiasmo muitas pessoas. Mas se você está plantado em outra igreja, por favor, não deixe sua igreja só porque a Hillsong está vindo para São Paulo. O melhor que você pode fazer para o Reino de Deus é continuar plantado. A Palavra diz: ‘Os que estão plantados na Casa do Senhor florescerão’. Não estamos vindo para construir uma igreja que vai tirar cristãos de outras igrejas; estamos vindo para construir uma igreja onde o perdido possa ser salvo em uma cidade com milhões de habitantes (Novaes, 2015).

Como podemos ver, Mendez se esforçava para desviar a atenção da Hillsong para Jesus e reafirmar o valor das outras (não tão inovadoras) igrejas brasileiras como um caminho para Ele. O fato de Mendez ter que fazer isso com tanta frequência demonstra o imenso apelo e a popularidade da Hillsong no Brasil. Da mesma forma, Porter (2017, p. 166-167) observou

que quando a Hillsong foi plantada em Oxford, na Inglaterra, os pastores também tentaram tranquilizar outras igrejas de que eles não estavam ali para “roubar suas ovelhas.” Ao contrário, “enfaticavam que o propósito da igreja era conquistar novos convertidos, trazer para a fé cristã pessoas que outras igrejas ainda não haviam alcançado, e não incentivar aqueles que já pertenciam a outras igrejas a mudarem de denominação”. Entretanto, Porter notou que, dada a redução no número de membros das igrejas no Reino Unido, o grande público da Hillsong de fato vinha de outras igrejas, além dos cristãos que se mudaram para Oxford, dos turistas que aproveitaram a oportunidade para visitar a Hillsong e dos novos convertidos. O pentecostalismo não está em declínio no Brasil, mas a composição da congregação em São Paulo é semelhante, visto que é formada por aqueles que aderiram à Hillsong no exterior (especialmente Austrália, Londres e Nova Iorque) e retornaram para o país, turistas de outras partes do Brasil, aqueles que deixaram as próprias igrejas e novos convertidos.

Em contrapartida, em sua pesquisa sobre a Hillsong em Amsterdã e Nova Iorque, Klaver (2021, p. 78-79) constatou que a Hillsong não interagiu com as igrejas locais enquanto plantava a própria igreja. De fato, o pastor da Hillsong em Amsterdã contou à pesquisadora que “a prioridade era a criação da Hillsong para que as outras igrejas, com o tempo, aprendessem com eles como ser uma igreja no século XXI”. Klaver atribui essa postura a dois aspectos que fazem parte da identidade da megacidade: avivamento e pioneirismo. Enquanto o avivamento define a identidade da Hillsong vis-à-vis um cristianismo em declínio, o pioneirismo se trata de crescimento e conquista de novos territórios. Ambos resultaram no fato da Hillsong ignorar “outros possíveis lugares onde Deus poderia estar agindo” (2021, p. 79). Acredito que a Hillsong teve uma postura muito menos arrogante ao plantar uma igreja no Brasil devido à quantidade de igrejas e do poder político, cultural e espiritual dos pastores evangélicos no país. Aqui, a negociação e conciliação foram fundamentais para o sucesso da megacidade.

Quando a Hillsong São Paulo finalmente anunciou a data de inauguração no Facebook, a igreja postou um trecho em português da “declaração de visão”³, de Brian Houston, em 2014 (Houston, 2016):

Posicionados no coração da cultura, em grandes e diversificados centros urbanos, vejo prédios que têm dificuldade de acolher o crescimento de tudo o que Deus está fazendo; ocupando territórios e lugares que são milagrosamente providos e impossíveis de se ignorar.

Como de costume em todas as postagens nas redes sociais, a declaração foi acompanhada da tradução para o inglês. Em português, ela foi impressa em um pôster com uma foto em sépia dos arranha-céus do centro de São Paulo. O tipo de declaração, a escolha de palavras, o uso tanto do português quanto do inglês, e a imagem passam uma sensação de entusiasmo aos futuros congregantes. Eles veem que além de o Reino de Deus conquistar territórios e ser imbatível, São Paulo também desempenhava um papel fundamental nessa poderosa expansão global da igreja e, como Klaver (2021, p. 77-78) argumentou em seu estudo, de um avivamento global.

A maioria das pessoas presentes na inauguração da igreja compartilhou suas experiências no perfil do Facebook da Hillsong, demonstrando como as experiências presenciais e virtuais estão conectadas⁴. Além disso, fica evidente a importância das mídias sociais e sua capacidade de alcançar novos públicos, repercutindo a chegada da igreja e as impressões das pessoas, que podem compartilhar com amigos e outros leitores, beneficiando a própria igreja. Um fiel observou: “Maravilhoso! Mas pra ficar melhor, eles deviam ter cantado em inglês”. Outro fiel comentou: “Amei! Só queria que eles tivessem cantado alguns louvores em inglês... Mas a melhor parte foi o culto em três idiomas. Para quem sabe inglês e espanhol, ou quer aprender,

3 N. do T. Termo utilizado para a descrição dos objetivos a longo e curto prazos de uma organização ou projeto, mas geralmente usados por empresas prestes a serem inauguradas.

4 <https://www.facebook.com/hillsongsaopaulo/posts/1639591689666772:0>

é uma oportunidade de louvar e praticar ao mesmo tempo! 😄😄😄🙏🙏

”. Um jovem que cogitou faltar aos cultos da própria igreja para ir aos da Hillsong escreveu: “Vocês acham que os pastores vão nos matar se não formos ao culto deles?”. Outros, mais conservadores, se perguntavam por que realizavam cultos religiosos em uma casa noturna: “Ok, eu não discordo que onde quer que o espírito de Deus vá, ele purifica [o lugar], e que a igreja é o seu povo, não o lugar. Ainda assim, esse lugar atrai coisas ruins, espíritos do mal.” Ao que outros responderam: “Onde você acha que Jesus estaria? Nas casas noturnas atrás de ovelhas perdidas ou na igreja? Deus é onipresente ❤️.” Esses comentários refletem três questões fundamentais relacionadas à Hillsong no Brasil, que abordei neste livro. A primeira é o prestígio devido à origem estrangeira da megaigreja e ao uso da língua inglesa (e também do espanhol, devido ao papel de Mendez como um dos líderes), e como esses elementos contribuem para criar um senso de cosmopolitismo e um marcador de classe para os brasileiros. Em segundo lugar, surge a questão de saber se os jovens deixariam as próprias igrejas para se juntarem à Hillsong. Por fim, há um embate entre a cultura mais tolerante e liberal da Hillsong e a cultura evangélica conservadora brasileira.

Nas reportagens sobre a inauguração, a mídia brasileira se referia à Hillsong como “Igreja de Justin Bieber”, conferindo ainda mais prestígio à igreja. Esse apelido logo chamou a atenção de algumas empresas brasileiras, que viram uma oportunidade de lucrar com a fama da Hillsong. Essa estratégia não é inédita, já que algumas bandas e cantores gospel brasileiros adotaram uma abordagem semelhante quando gravaram músicas da Hillsong United antes mesmo da chegada da igreja ao Brasil (ver o capítulo 2). Desde o início do século XXI, o Grupo Globo, o maior conglomerado de mídia da América Latina, dedica-se cada vez mais à indústria gospel, em ascensão, organizando festivais e premiações de música cristã e gravando

álbuns de várias bandas gospel (Rosas, 2013, p. 127).⁵ No início de 2017, meses após a inauguração da Hillsong São Paulo, a TV Globo exibiu o documentário *Hillsong: Uma Canção de Fé* (*Let Hope Rise*, no original), que conta a história da Hillsong United. Nas redes sociais, houve muita euforia e, por um tempo, o longa foi o assunto mais comentado do Twitter no país. Apesar de ser exibido de madrugada em um dia de semana, somente na cidade de São Paulo, cerca de 410 mil domicílios estavam sintonizados para assistir ao documentário (Feltrin, 2017). Com isso, percebe-se como os produtos virtuais, presenciais e da indústria cultural, como um longa-metragem, trabalham atrelados não só para disseminar as notícias, mas também para criar um imaginário em relação à megaigreja quando ela finalmente se estabeleceu no Brasil.

Ensinando o Estilo da Hillsong

Chris e Lucy Mendez são os pastores responsáveis pela América Latina, coordenando igrejas na Argentina, no Uruguai, no Brasil e no México. Já as atividades cotidianas da igreja em São Paulo e parte das pregações nos domingos são feitas por três casais brasileiros que estudaram no Hillsong College e retornaram ao país. Eu conheci um desses casais muitos anos atrás na Austrália. Na época, eles estudavam no Hillsong College e depois cursaram teologia no Alphacrucis College. Quando finalizaram os estudos, sentiram que era da vontade de Deus que retornassem ao Brasil. Quando souberam daquela decisão, Brian Houston e Chris Mendez pediram a ajuda deles para estabelecer a filial da Hillsong no Brasil. Ao longo dos anos, sempre que eu voltava ao Brasil para realizar pesquisas de campo, me encontrava com eles para almoçar e bater um papo. Nesses encontros, discutíamos, entre outras coisas, os desafios de plantar a Hillsong no país. A

5 No entanto, vale ressaltar que a Globo e a Universal têm uma relação conflituosa por serem concorrentes na mídia. Ver Rosas (2015, p. 135-148) para uma análise mais detalhada dessa rivalidade.

maior parte dos problemas surgia das diferenças entre o estilo da Hillsong e a cultura evangélica brasileira mais conservadora. No entanto, a primeira dificuldade que eles mencionaram foi encontrar e treinar as pessoas certas para serem voluntárias na igreja. Muitos dos que se inscreviam eram fãs fervorosos da igreja e os pastores brasileiros acharam isso problemático, embora, como vimos, as emoções e os fãs clubes são essenciais para o crescimento da igreja. O pastor explicou:

Acho que [o mais difícil é] tentar garantir que as pessoas não tomem decisões só com base na emoção. Porque o Chris [Mendez] sempre fala que [...] *a igreja não vai ser construída por fãs*. Ela vai ser construída por pessoas que realmente têm convicção, que seguem o caminho de Deus para estarem aqui agora. Realmente não tem como construir uma igreja com fãs.

Ele balançou a cabeça quando me contou que as pessoas estavam até se tornando fãs dele e de sua esposa. No Brasil, o problema perene que a Hillsong enfrenta se apresenta como um obstáculo para o plantio de igrejas. A igreja cresce por meio da celebrificação, mas, como celebridades, seus pastores e líderes de louvor precisam constantemente lembrar que o foco é Jesus, este sim é “o verdadeiro famoso”, como Wagner (2019, p. 13) observou em seu estudo sobre a Hillsong Londres. É interessante notar que, enquanto o pentecostalismo é um tipo de cristianismo que louva uma experiência emocional com Deus, ser fiel-fã é considerado um tipo errado de emoção. Ser fã é uma emoção passageira, que não nasce de convicção religiosa — a consciência do pecado dada pelo Espírito Santo que levará alguém a nascer de novo.⁶ Chris Mendez argumenta que a convicção é o que ajudará a igreja a cultivar raízes resistentes.

Além do problema dos fãs, os pastores brasileiros notaram que muitos desses potenciais voluntários desejavam servir no palco (ou plataforma) durante os cultos, uma atitude semelhante a que tiveram quando chegaram

6 Para saber mais sobre a “convicção” cristã, ver Harding (1987).

na Hillsong em Sydney, como visto no capítulo 3. De certa forma, eles desejavam se tornar celebridades também, seja pregando, cantando ou fazendo parte da banda. O pastor me disse:

A gente vê muitas pessoas falando: ‘Minha vocação é profética; minha vocação é para o louvor’. Essa percepção é comum [no Brasil]. Então, em nossas reuniões — fazemos dois treinamentos de iniciação para cada voluntário — abordamos essas questões. Falamos: ‘Pessoal, sua vocação vai além disso. Se pedirmos para você limpar o banheiro ou qualquer outra coisa, não pense: Ah, eu não nasci para isso!’

É interessante que ele tenha mencionado a limpeza dos banheiros como um exemplo de ponto nevrálgico para os novos voluntários. A aversão à limpeza dos banheiros apareceu várias vezes durante o trabalho de campo. Como discutido no capítulo 3, os brasileiros, principalmente da classe média e média alta, tendem a menosprezar os trabalhos não qualificados, associados aos pobres. A maioria cresceu tendo empregadas em casa e sentem-se constrangidos quando realizam essas tarefas. Já na Austrália, a maioria das pessoas faz a limpeza de suas casas e ter faxineiras por algumas horas semanalmente é um luxo que se tornou mais comum nos últimos anos. Podemos compreender ainda mais essa aversão à limpeza dos banheiros quando consideramos a interseccionalidade entre classe social e religião. Eles sentem que receberam um chamado divino para cumprir um trabalho qualificado e de prestígio e que a Hillsong os assiste a marcar uma distinção de classe em relação aos pentecostais mais pobres. Com o tempo, alguns desses fãs que não têm suas vontades atendidas acabam decepcionados e desistem da igreja. Às vezes, eles desabafam nas redes sociais. A esposa do pastor comentou:

No Brasil, a cultura do cancelamento é bem forte. Todo mundo tem uma opinião. Se alguém não gosta de alguma coisa ou se nós não oferecemos o que todo mundo quer, algumas pessoas vão

para às redes sociais e acabam prejudicando a imagem da igreja ou despejam suas frustrações no grupo do WhatsApp.

Seu marido disse:

As pessoas que normalmente convidamos [para subir ao palco] são aquelas que não querem fama, mas sim servir a Deus. A gente consegue sentir isso. Se eu te peço para fazer alguma tarefa e você diz: ‘Ah, isso não é para mim, eu gosto mesmo é de cantar’, com certeza você não vai estar no palco, entende?

O pastor explicou que as pessoas chegavam pensando que havia uma hierarquia de funções — algumas mais valorizadas do que outras —, o que é típico de outras igrejas brasileiras. Segundo ele, na Hillsong há uma “estrutura de igreja”, mas todas as funções são igualmente importantes. Na verdade, de acordo com Klaver (2021, p. 12), as “estruturas de liderança hierárquica centralizadas da Hillsong não oferecem muito espaço para os fiéis interferirem na política da igreja e nos processos de tomada de decisões.” Embora isso realmente aconteça nas interações cotidianas, aqueles que coordenam ministérios secundários também podem tomar decisões, e aqueles que são solteiros podem ocupar cargos de liderança, diferente do que acontece em outras igrejas brasileiras. Foi isso que os alunos brasileiros do Hillsong College, que tiveram que atuar como voluntários na igreja e em conferências, também me relataram várias vezes. Como vimos no capítulo 4, o trabalho afetivo por meio do voluntariado é muito importante tanto para a igreja quanto para os jovens brasileiros entrando na vida adulta. Eles também percebiam que estavam aprendendo a ser como os australianos, que não estão focados em fazer distinções de classe social.

Quando se trata do estilo da Hillsong, outro desafio é fazer as pessoas aceitarem sua abordagem mais inclusiva. As igrejas evangélicas brasileiras geralmente colocam obstáculos para que as pessoas façam parte da congregação, principalmente em relação aos comportamentos considerados apropriados. Como os voluntários chegam de outras igrejas, eles precisam

aprender um novo jeito de “ser igreja”, que envolve ser inclusivo, usar uma linguagem mais apropriada, estar mais envolvido com o mundo secular e entender que os pastores não são autoridades detentoras de todo o conhecimento. O pastor brasileiro enfatizou que eles queriam que todos se sentissem à vontade na Hillsong, mesmo que não fossem protestantes ou mesmo cristãos, e a linguagem desempenha um papel crucial nisso. Como abordado no capítulo 2, criar um ambiente de acolhimento é fundamental para o sucesso da Hillsong (Wade e Hynes, 2013). O pastor também explicou:

Jesus se comunicava com todos os tipos de pessoas, desde os religiosos até os que não tinham religião. A gente quer que a nossa igreja seja para todos os tipos de pessoas. Queremos que os espíritos venham à nossa igreja e se sintam bem; se vierem de uma família católica, queremos que se sintam bem. Por isso, realmente precisamos treinar nossas equipes. [Dizemos para eles:] ‘Galera, não vamos falar crentês!’, do tipo ‘A paz do Senhor...’ Não que isso esteja errado, mas precisamos assumir que tudo isso é novo para eles. As pessoas são bem-vindas com suas convicções. *Não precisam mudar para fazer parte da Hillsong.*

Acolher a todos antes da conversão é de praxe nas igrejas de buscadores (Sargent, 2001), já que elas almejam alcançar os desigrejados. Em vez de converter os “não salvos”, o primeiro objetivo é chamar a atenção e depois conquistar o respeito “daquele que busca” (Twitchell, 2004; Einstein, 2008), evitando também qualquer tipo de “choque cultural” que possa desencorajar a chegada de novos fiéis (Ellingson, 2010, p. 254). No entanto, essa é uma atitude radical dentro do pentecostalismo brasileiro, e leva tempo para que os voluntários desaprendam a cultura que aprenderam em outras igrejas. De fato, o pastor admitiu que “isso é muito, muito diferente do que acontece nas igrejas brasileiras. A gente não pode generalizar, mas, em muitas igrejas, você precisa se comportar de uma certa maneira para fazer parte delas.” Então, ele me deu uma lista de termos do “crentês” que deveriam ser evitados e de termos neutros que os voluntários deveriam usar. Os cultos devem ser chamados de “reuniões”. Em vez de dizer na entrada da

igreja “Que a paz do Senhor esteja contigo”, eles devem dizer “Bem-vindo à igreja” ou “Bem-vinda à igreja”. Eles também não devem usar o termo “converter”, porque pode causar “desconforto” nas pessoas, uma vez que exclui aqueles que ainda não se converteram.

Ele deu o exemplo de uma voluntária brasileira que estava distribuindo Bíblias depois do culto, como é costume na Hillsong, para aqueles que levantam as mãos na chamada ao altar⁷. Quando uma mulher veio pegar uma Bíblia, a voluntária perguntou se ela tinha se convertido. Como ela disse que era católica, a voluntária respondeu que ela não poderia pegar a Bíblia. Nesse momento da nossa conversa, o pastor levantou as mãos para o ar e disse: “Quando soubemos disso, chamamos toda a equipe para conversar. [Falamos:] ‘Pessoal, nunca vamos criar um obstáculo para que alguém pegue uma Bíblia e não vamos mais usar a palavra ‘converter’.” Da mesma forma, eles não devem começar as conversas perguntando se as pessoas são evangélicas, como notaram os voluntários fazendo. “Se a pessoa não for evangélica, ela vai se sentir excluída.” O mesmo raciocínio de inclusão é usado para pedir às pessoas que não façam piadas sobre gays, loiras, portugueses, e assim por diante, ou falem sobre política e tomem partido político dentro da igreja. Isso, mais uma vez, difere do cenário evangélico no Brasil, onde a maioria das igrejas apoiam abertamente a extrema direita e o ex-presidente Jair Bolsonaro (2019–2022)⁸.

Quando perguntei um pouco mais sobre esse uso de linguagem secular e cotidiana na igreja, ele explicou que na Hillsong eles não diferenciam o secular do religioso:

Chris [Mendez] sempre fala que não existe isso que chamam de mundano. ‘Ah, isso é do mundo; essa música é do mundo; essas roupas são do mundo.’ Nós estamos no mundo! Não tentamos

7 A “chamada ao altar” é o momento no fim do culto em que o pastor convida as pessoas que ainda não se converteram a assumir um compromisso espiritual com Jesus.

8 Para uma boa análise do pentecostalismo e política no Brasil, ver Almeida (2020) e Burity (2021).

dividir as coisas. Uma música pode não falar de Deus, mas expressar Deus por meio da arte. Não é porque não fala de Deus que eu não vou ouvir essa música. Aqui no Brasil muitas igrejas têm um problema com música secular, [elas falam,] ‘O que você está fazendo trazendo o mundo [para dentro da igreja]?’

Ele me disse que a Hillsong não se importa muito com essas críticas e nem critica outras igrejas. Eles têm uma seção no site da Hillsong onde defendem a igreja contra relatos negativos da mídia, mas nunca falam disso no palco/plataforma. Dessa forma, fazem as pessoas se sentirem acolhidas e evitam distinções e discórdias. Como discutido no capítulo 1, esse envolvimento com o mundo secular — seja através de música, moda, redes sociais, cultura das celebridades, marketing, branding, e assim por diante — é típico de megaigrejas, e especialmente de igrejas de buscadores, pois desejam permanecer relevantes em um mundo secularizado (Coleman e Chattoo, 2019; Hunt, 2019; Sargent, 2000; Twitchell, 2007; Wagner, 2019). Por outro lado, embora as igrejas evangélicas brasileiras e bandas de louvor usem estratégias de negócios para crescer, a distinção entre o mundo e a igreja costuma ser enfatizada. Por exemplo, em seu estudo sobre mídia eletrônica e música gospel no Brasil, Oosterbaan (2015, p. 162) sugere que quando os cantores brasileiros de gospel se tornam celebridades, há um potencial de ganho e perda de carisma. Os músicos utilizam a mídia eletrônica para expandir o seu público, mas isso significa que “novos circuitos de transmissão frequentemente invocam conflitos teológicos e normativos sobre as fronteiras entre o sagrado e o profano.” A solução que esses cantores encontraram foi incluir testemunhos enquanto cantam, como forma de enfatizar que seu talento musical é um dom de Deus. Assim, em vez de serem simplesmente cantores comuns, eles são, na verdade, “ungidos” por Deus para transmitirem Sua mensagem e mediarem Sua presença (2015, p. 166).

Além disso, a maneira como a Hillsong aborda a Santa Ceia e o batismo causa certa confusão entre os voluntários. O pastor brasileiro observou:

Muitas pessoas vêm de igrejas em que, para participar da Santa Ceia, as pessoas devem ser batizadas, ter mais de doze anos etc. Em nossa igreja, participa quem quiser participar. Então, temos muitas pessoas que falam: ‘Eu vim de uma igreja em que não era assim. Durante toda minha vida eu pensei que fosse diferente’.

A Hillsong permite que qualquer pessoa participe da Santa Ceia sob o mesmo princípio de que “as pessoas não precisam mudar para fazer parte da Hillsong”. Um pastor de Melbourne que visitou a Hillsong São Paulo fez uma afirmação semelhante em uma das Noites de DNA da qual participei: “Seja inclusivo. Seu trabalho é amar e incluir, ajudar as pessoas na jornada. Você não precisa ser a polícia. Deixe o Espírito Santo fazer seu trabalho e transformar as pessoas.” No entanto, ser inclusivo não significa que as pessoas possam ser batizadas várias vezes à medida que trocam de igrejas. Os pastores brasileiros me disseram que muitas pessoas pedem para ser batizadas na Hillsong, embora já tenham sido batizadas em outras igrejas. Então, eles têm que explicar que “a Bíblia é clara em relação ao batismo. O batismo é único, é uma decisão... O batismo não é algo que você faz por causa do nome da igreja; o batismo é o que você faz em seu caminho com Deus.” No capítulo 3, mencionei a história de um rapaz que tinha sido batizado no Brasil, mas estava animado para ser batizado novamente na Hillsong Sydney. Acredito que, para esses jovens, o batismo não é apenas entendido em termos de conversão, mas também para estar diretamente associado à Hillsong (ou “por causa do nome da igreja”, como o pastor afirmou). Não importa o quanto os pastores insistissem que o foco deveria ser em Jesus e no Reino e não na Hillsong, para a maioria dos brasileiros que entrevistei e com quem conversei informalmente, o apelo da igreja era tão importante em suas vidas cristãs quanto sua conversão.

Um outro problema em estabelecer a igreja no Brasil foi o foco no pastor como a única autoridade da igreja em questões espirituais e cotidianas. De acordo com o casal de pastores, os brasileiros queriam cumprimentar os pastores pessoalmente no início e no final dos cultos, esperavam que os

pastores orassem em suas casas e queriam a opinião deles sobre tudo, até em decisões íntimas como com quem deveriam namorar. Na Hillsong, eles me disseram, estavam “tentando romper com essa ideia de colocar o pastor num pedestal.” O pastor continuou:

Há muitas pessoas na igreja que têm essa ‘cultura do pastor’. Elas falam: ‘Eu tenho que receber uma oração do meu pastor’, ‘Eu tenho que conversar com meu pastor’. [Na Hillsong] nós não temos isso. Chris [Mendez] uma vez disse: ‘Se você está procurando uma igreja onde vai ter acesso direto ao pastor o tempo todo, [focando] apenas o pastor, talvez essa não seja a sua igreja’. Nós entendemos que a Palavra diz: ‘A oração de um justo é eficaz’.⁹ Quem é justo? Todos que recebem Jesus.

Essa atitude de subordinação ao pastor tem suas origens não apenas na história da igreja, mas também no carisma e na posição dos líderes religiosos em questões espirituais. No entanto, como vimos anteriormente, no Brasil, isso é influenciado por relações autoritárias, pré-modernas, que são generalizadas na sociedade, bem como por um sistema de privilégios corroborado pela lei (Chauí, 2012). Na narrativa de Tiago, no capítulo anterior, vimos que aqueles que aspiravam a posições de poder na igreja de seu pai na verdade desejavam os privilégios associados a estas posições, em vez de desejar servir à comunidade. Seu próprio pai, um pastor, conseguiu desrespeitar regras da igreja por causa de sua posição. Em contrapartida, Miller (2015, p. 287) demonstrou que a Hillsong incentiva o neoliberalismo da modernidade tardia com base na responsabilidade e autonomia individuais (embora quanto mais envolvido alguém esteja na igreja, mais ela

9 Tiago 5: 13–16 NVI (Nova Versão Internacional): “Entre vocês há alguém que está sofrendo? Que ele ore. Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores. 14 Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. 15 E a oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado. 16 Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz.”

tende a controlar o comportamento dos seguidores para se ajustar a uma visão evangélica). De fato, em vez de seguir o pastor cegamente, os brasileiros me disseram que os pastores da Hillsong lhes davam ferramentas para interpretar a Bíblia e pensar por si mesmos, como visto no capítulo 4.

Na próxima seção, mostrarei como o estilo da Hillsong se espalha no Brasil por meio de igrejas afiliadas à Família e à Rede da megaigreja, assim como igrejas brasileiras que adotam suas características. Discutirei como a adoção do estilo da Hillsong, com seus cultos que parecem shows e o seu uso da língua inglesa, dá aos brasileiros uma sensação de empolgação, prazer e cosmopolitismo.

Novos Frutos

Em agosto de 2016, viajei para o Nordeste do Brasil para visitar uma filial da única igreja brasileira que faz parte da Família Hillsong. As igrejas da Família Hillsong têm uma relação muito próxima com a Hillsong, mas são independentes. Quando cheguei, tive a estranha impressão de estar em uma mini Hillsong, embora não tão sofisticada. O uso da língua inglesa e das características da Hillsong estavam por toda parte, passando uma sensação de copresença do Brasil com o mundo de língua inglesa. A igreja fica em um prédio moderno de dois andares, sem cruzeiros ou nada que indique ser uma igreja, apenas uma grande fachada com o nome em letras cursivas (similar ao logotipo da Hillsong) acima das grandes portas de vidro. Quando entrei, fui recebida por jovens usando camisetas pretas com a palavra “voluntário” estampada. Eles me ofereceram balas e, assim como na Hillsong Sydney, disseram “Bem-vinda à Igreja!” No saguão, alguns voluntários usavam fones de ouvido e rádios comunicadores para organizar o fluxo de pessoas que entravam e saíam. À direita da área de recepção, havia um pequeno quadro negro com a palavra inglesa “shop” escrita em giz, indicando a área onde vendiam seus produtos, incluindo camisetas com as frases em inglês “True Love” (Amor Verdadeiro) e “One is Three, Three is One” (Um em Três, Três em Um); livros escritos por Brian Houston,

Joseph Prince e Rick Warren traduzidos para o português, entre outros; CDs da banda da própria igreja, da Hillsong, e também de outras igrejas; além de agendas, canecas, Bíblias para crianças e adultos, e outros produtos. Dentro da igreja, as paredes eram pretas e havia telões no palco com o famoso lema da Hillsong: “Come as You Are” (Venha como você estiver). Assim que o culto começou, ficou claro que seguia o roteiro da Hillsong: a contagem regressiva, depois o louvor, a oferta, os vídeos sobre as notícias da igreja e os testemunhos, a pregação e mais algumas músicas de louvor. A congregação também era parecida com a da Hillsong: a maioria de jovens e casais com crianças pequenas. Todos estavam bem vestidos e eram de classe média - mulheres em vestidos ou saias da moda, usando joias e bolsas de couro, e homens usando camisetas, calças jeans skinny e tênis. O pastor seguia o estilo da Hillsong: um jovem vestindo camiseta preta de mangas compridas, calça skinny preta e bota. Sua esposa igualmente jovem usava uma blusa ombro a ombro, que estava na moda naquela época, calça jeans skinny e salto alto.

Depois do culto, como o resto da congregação, eu permaneci na área de recepção e conversei com as pessoas. Uma cantora de louvor me disse que tinha participado da conferência da Hillsong no ano anterior e iria viajar naquela semana para iniciar os estudos no Hillsong College. Não é preciso dizer que ela estava muito animada com a viagem, embora um pouco preocupada porque seu inglês não era tão bom. Um jovem disse que se formou em administração e design de moda e fazia parte da equipe da igreja. Ele explicou que, assim como na Hillsong, os jovens frequentadores da igreja eram divididos em “tribos”, e ele era o líder da tribo “Legacy”. Quando perguntei por que usar uma palavra em inglês para identificar a tribo, ele respondeu: “É mais global. Imagina se fosse chamada de Legado! Não dá. O inglês é uma língua global.” Mais uma vez, podemos ver a importância do inglês para proporcionar aos frequentadores uma sensação de cosmopolitismo. Ele queria estudar no Hillsong College, mas teve que adiar a ida porque o número de empregados da igreja era pequeno e dois deles estavam em Sydney na época. Ele assistia ao culto de domingo da Hillsong em

Sydney todas as semanas pelo YouTube como forma de aprender e acompanhar tudo o que acontecia por lá. Enquanto conversávamos, pude ver uma tatuagem em seu braço que dizia “Amor Verdadeiro”, o título em português de um louvor da banda Hillsong Y&F que sempre toca nos cultos em Sydney. Em cada detalhe, tanto a igreja quanto sua congregação eram baseadas na Hillsong Sydney. A megaigreja funcionava como um “mapa de significância”. Poucos dias depois, quando voltei à igreja para entrevistar o casal de pastores, descobri que, de fato, eles estavam adotando o estilo da Hillsong não apenas para tornar a igreja relevante para as novas gerações, mas também para tentar mudar a cultura de igreja no Brasil, desejo semelhante ao de outros brasileiros com quem conversei.

Nos encontramos no escritório, que ficava no segundo andar da igreja. Totalmente no estilo da igreja de buscadores, parecia um escritório corporativo: havia cadeiras de couro confortáveis, uma escrivaninha e uma estante de madeira no fundo da sala com livros, enfeites e vasos de plantas. No canto, perto da janela, havia um vaso com um enorme cacto. O casal foi acolhedor e gentil durante toda a entrevista. Começaram esclarecendo por que replicavam o estilo da Hillsong:

Somos parte da Família Hillsong. Não precisamos ser iguais, mas nós precisamos ter o mesmo sangue, por assim dizer, o mesmo sobrenome, para que a gente se torne uma família. Por isso, na nossa igreja a cultura é muito parecida com a cultura que eles têm lá [na Austrália]. Nossos métodos são muito parecidos. As músicas que tocamos são as músicas deles.

A referência ao vínculo sanguíneo para explicar essa família fictícia e transnacional é reveladora. Como pontua Ikeuchi (2019, p. 183), “O sangue de Jesus, por meio de um parentesco pentecostal, une ‘irmãos e irmãs na fé’.” Assim, neste comentário existem dois tipos de pertencimento atuando ao mesmo tempo — por um lado, pertencimento através da materialidade do sangue dentro de uma família Hillsong global maior, e, por outro, pertencimento à família espiritual de Deus no reino de Deus. Através desses

dois tipos de pertencimento, eles conseguem criar uma “geografia alternativa de pertencimento” (van de Kamp, 2017, p. 2), como discutido ao longo deste livro. De fato, eles me disseram que, porque sua igreja é inspirada na Hillsong, qualquer um que venha da Hillsong “não se sentirá perdido. Se sentirá em casa”. Aqui, estão se referindo ao slogan comum da Hillsong para sua estrutura global, “Uma casa, muitas salas”, e também, e mais importante, à ideia de que as pessoas devem se sentir acolhidas na igreja, algo que analisei em capítulos anteriores.

Antes da Hillsong, a igreja estava se inspirando em megaigrejas dos Estados Unidos, como Willow Creek e Saddleback, para onde o casal viajou para participar das conferências. A filha dos pastores seniores da igreja brasileira é pastora da famosa Churchome (antes conhecida como City Church), na Califórnia, liderada por Judah e Chelsea Smith, que pregaram em conferências da Hillsong muitas vezes. Essa forte conexão com a cultura de igreja dos Estados Unidos estava presente em todas as igrejas brasileiras que tinham vínculo com a Hillsong. Pastores brasileiros costumavam considerar a Hillsong e essas megaigrejas estadunidenses como um único ecossistema do qual podiam se utilizar para manter suas igrejas atualizadas. O leitor pode se lembrar que, no capítulo 2, discorri sobre a forte influência que os Estados Unidos exerceram sobre o pentecostalismo brasileiro e como a música da Hillsong também chegou ao Brasil por meio dos Estados Unidos. Isso é facilmente explicado pelo grande poder que os Estados Unidos e sua cultura exercem sobre a sociedade brasileira, bem como sua economia e cultura. No entanto, os pastores seniores preferiram investir em seu relacionamento com a Hillsong porque,

[Os cultos] na Willow Creek são muito mais devagar. [Além disso,] a Hillsong te dá a oportunidade de viver e estudar lá por até três anos... Eles te dão as ferramentas necessárias para voltar e fazer diferença na sua igreja local. Ser igreja para a Hillsong é ser vibrante, então é mais parecida com a gente, tem mais a ver com a nossa visão brasileira, nosso jeito e nossa pegada... E vamos ser sinceros, a Hillsong está dominando o mundo.

Em sua preferência pela Hillsong, duas coisas se destacam. A primeira é a ideia de que existem semelhanças entre a Hillsong, sua igreja e a cultura brasileira. As três têm culturas “vibrantes”. Consequentemente, há um parentesco “natural” entre eles, como vimos acima na referência dos pastores aos vínculos sanguíneos. A ideia surge de um imaginário brasileiro sobre a Austrália, onde ambos os países seriam semelhantes em alguns aspectos, como a localização no hemisfério sul, a grande presença de imigrantes, uma cultura voltada para as praias e um estilo de vida descontraído. Porém, ao mesmo tempo são vistos como diferentes, especialmente pelo fato de a Austrália ter se tornado um país desenvolvido. Isso está bem encapsulado na frase que os brasileiros na Austrália costumam usar: “A Austrália é o Brasil que deu certo” (Rocha, 2014). A segunda é a ideia de sucesso (global), tão querida pelas igrejas evangélicas, já que é sinônimo de ser favorecido por Deus. Esses pastores atribuem o sucesso de sua própria igreja à Hillsong. Eles explicaram que antes de o filho dos pastores seniores terminar os estudos no Hillsong College, sua igreja era “apenas como qualquer outra igreja” e não crescia. Depois que ele retornou e estabeleceu a “cultura da Hillsong”, a igreja cresceu muito.

Alguns anos depois do retorno do filho dos pastores seniores, o casal de pastores jovens que entrevistei também viajou para estudar no Hillsong College. Quando voltaram, o maior desafio para eles não foi implementar mudanças em sua igreja, já que o pastor sênior já estava adotando o estilo da Hillsong. Eles tiveram que lidar com as críticas de outras igrejas. Sentiam que as outras igrejas os criticavam porque para pregar, os pastores não usavam ternos, mas sim jeans rasgados e eles davam liberdade às pessoas para se comportarem como quisessem (beber álcool moderadamente, ouvir música secular, vestir o que quisessem, fazer tatuagens etc.). Tais críticas também podem ser explicadas pela localização da igreja no Nordeste do Brasil, uma região muito mais conservadora do que o Sudeste. Eles continuaram:

Em vez destes pastores dizerem: ‘O que essa igreja está fazendo de diferente que eu também possa fazer?’, é da cultura brasileira dizer: ‘Esta igreja é uma droga! Não vai para esta igreja porque o que eles estão fazendo não é de Deus’. [Isso acontece] porque os brasileiros às vezes focam demais o tradicionalismo. O que temos que entender é que, com o tempo, os métodos mudam, mas a essência da palavra de Deus não muda.

Para defender sua igreja, usaram a explicação padrão da Hillsong para o envolvimento com a cultura jovem como apenas um método, ou uma estratégia, para alcançar essa faixa etária. Segundo eles, esse método atraiu pessoas — cerca de dez de seus pastores haviam deixado as próprias igrejas porque foram atraídos por essa nova maneira de “ser igreja”. Sua estratégia para semear o estilo da Hillsong é realizar os cursos de treinamento em um ritmo tranquilo e, sempre que possível, trazer pastores da Hillsong para pregar. Algumas semanas antes de me encontrar com o casal, Chris Mendez havia passado três dias ensinando o estilo da Hillsong na igreja. Outra estratégia é usar livros traduzidos de pastores internacionais. Além dos livros de Brian Houston, eles orientam a liderança da igreja a ler livros de pastores seniores das megaigrejas dos Estados Unidos, como Bill Hybels (Willow Creek) e Andy Stanley (North Point Ministries). Também pedem aos líderes criativos e de adoração para assistirem aos cultos da Hillsong Austrália online para se manterem atualizados com o que está acontecendo na sede. Resumindo, “A forma que encontramos para trazer a cultura da Hillsong aqui é através da nossa linguagem, da forma como nos comunicamos, em nosso treinamento e por meio de livros.”

Podemos ver, a partir deste exemplo, que o estilo da Hillsong chega ao Brasil não apenas com a própria Hillsong, mas também com as megaigrejas dos Estados Unidos, já que a rota de fluxos culturais Estados Unidos-Brasil é historicamente mais forte do que a rota Austrália-Brasil. No entanto, uma vez que a Hillsong se tornou reconhecida como uma igreja com cultura própria, e não apenas com uma banda de louvor, então os fluxos passaram a se mover diretamente da e para a Austrália. Na próxima seção,

discurso sobre como outras igrejas que não desenvolveram nenhum vínculo oficial com a Hillsong podem copiar ou adaptar seu estilo como uma forma de atrair os jovens.

Copiando

Em outra publicação, discuti como o passado colonial do Brasil e sua posição histórica no Sul Global nos fizeram duvidar de sua modernidade e copiar os produtos culturais do Norte como uma forma de entrar na modernidade (Rocha, 2006a). As igrejas brasileiras não são uma exceção. À medida em que a Hillsong se tornava famosa entre as comunidades evangélicas no Brasil, algumas igrejas começaram a adotar sua estética. Aprenderam esta estética enviando os próprios pastores para conferências e cursos no College ou simplesmente copiando o que viam na internet. Com isso, eles estão seguindo outras igrejas no mundo em um processo que resultou na “Hillsonguização do cristianismo”, como observou Marti (2017, p. 382). Para Marti, “Ser uma igreja no estilo da Hillsong significa aprender a mobilizar e produzir afeto de uma maneira particular, que é vista nitidamente como cosmopolita.”

A megaigreja brasileira Batista da Lagoinha é um bom exemplo da disseminação do estilo da Hillsong via mídia digital. O leitor deve se lembrar de que a famosa banda de louvor da Lagoinha, Diante do Trono, foi a primeira a gravar oficialmente músicas da Hillsong em português (capítulo 2). Com supostamente 90 mil membros, a Lagoinha tem várias outras igrejas no Brasil e pelo mundo (que atendem principalmente brasileiros no exterior). Visitei a sede em Belo Horizonte em um dos meus períodos de trabalho de campo. Depois de subir as escadas do prédio redondo de concreto, eu e os membros da congregação fomos recepcionados por jovens vestindo camisetas pretas com a palavra “voluntário”. Uma jovem voluntária me indicou um assento entre outros dois mil do auditório. Quando o culto começou, percebi que era levemente híbrido: ele seguia o estilo de uma igreja brasileira, mas havia toques de uma megaigreja internacional

aqui e ali. Havia o habitual telão ao fundo, mas na verdade eram várias telas menores juntas, de modo que linhas pretas cortavam a imagem em vários quadrados. O pastor sênior usava terno, mas o filho, também pastor, na casa dos 30 anos, estava de camisa polo e jeans. Camisas polo são aceitáveis como vestimenta casual de trabalho para homens de classe média no Brasil, especialmente se forem de grife. O culto foi transmitido por canal próprio de TV, a Rede Super, de modo que havia câmeras em grandes cabos suspensos, bem como cinegrafistas circulando para filmar as pessoas que ficavam emocionadas. As luzes fluorescentes e brilhantes significavam que, enquanto as pessoas louvavam, choravam e erguiam os braços, podiam ser filmadas e assistidas por qualquer um. Havia uma completa falta de privacidade, diferente da Hillsong, onde as câmeras apontavam apenas para os pastores no palco e os fiéis são filmados como uma plateia em uma sala escura. Toda a experiência foi muito diferente dos cultos imersivos que a Hillsong oferece.

Durante uma conversa com um pastor jovem da Lagoinha no dia seguinte, ele explicou como a sede da igreja acabou adotando alguns aspectos do estilo da Hillsong, influenciada por uma geração mais jovem de pastores. Quando a filha do pastor sênior e o marido decidiram estabelecer uma nova filial em Niterói, no Rio de Janeiro, eles a criaram como uma cópia fiel da Hillsong (infraestrutura, culto, design gráfico etc.). Eles nunca tinham ido a uma igreja da Hillsong, mas aprenderam sobre seu estilo na internet. Eles também redesenharam o logotipo da igreja para se parecer com o da Hillsong (um círculo preto contendo o nome da igreja em letra cursiva branca). Com o tempo, o sucesso da nova filial influenciou a sede, e esta também passou a adotar algumas dessas características. No entanto, essas mudanças se tornaram motivo de debates intensos. O pastor esclareceu que “As paredes [da igreja] não eram pretas; faz um ano que pintamos de preto... colocamos novas luzes; o púlpito mudou... tudo mudou. Os mais velhos ficavam dizendo: ‘A Lagoinha vai se tornar uma igreja satanista.’” Uma condição para a aprovação das paredes pretas era que as luzes fluorescentes deveriam permanecer acesas o tempo todo como sinal da presença de Deus.

Neste exemplo, podemos notar como a estética e a fé estão interligadas, e como novas estéticas vindas do exterior são presentes na igreja. Ele, então, ofereceu mais exemplos de como Lagoinha havia adotado características da Hillsong:

A gente tem a camiseta preta de voluntário, escrito ‘Lagoinha’. O estilo musical é muito Hillsong; é pop rock. Acho que nosso modelo de igreja hoje, no geral, tem muito, muito a ver com a Hillsong: a música, a organização do louvor, o culto. A Hillsong acabou monopolizando, estabelecendo um parâmetro [para as outras igrejas].

Quando o questionei por que dessa ânsia de copiar, ele mencionou o poder da cultura de língua inglesa do Norte Global sobre o pentecostalismo brasileiro:

Você sabe que para os brasileiros tudo o que vem de fora é melhor. Principalmente quando se trata da língua – tudo o que chega em inglês, seja da Inglaterra, dos Estados Unidos, ou da Austrália. O pentecostalismo no Brasil também é muito influenciado por movimentos estrangeiros.

Pedi um exemplo de algum movimento estrangeiro, e ele respondeu:

A Hillsong é super influente. Com o tempo, se tornou um modelo para tudo, desde música até eclesiologia e doutrina. Acho difícil encontrar uma igreja no Brasil hoje que não tenha ‘uma estrutura de recepção’ com pessoas com camisetas pretas distribuindo balas etc. Isso é totalmente Hillsong.

De fato, em todas as igrejas que visitei durante o trabalho de campo no Brasil, fui recebida dessa maneira. Na Hillsong, os visitantes não recebem balas, mas é oferecido café de máquina grátis depois do culto, algo que também vi em igrejas mais abastadas no Brasil. Ele ofereceu outros exemplos de igrejas estrangeiras que influenciaram o pentecostalismo no Brasil,

como a Planetshakers, da Austrália, e as norte-americanas Bethel, Willow Creek, Gateway e, antes de ser fechada, a Mars Hills. O fato de ele poder citar essas igrejas com facilidade e explicar seus ministérios, embora não fale inglês, demonstra a sua influência no Brasil. Ele entende essa influência como parte da indústria do entretenimento, onde a última moda vinda do exterior se torna tendência:

É porque essa igreja é a novidade. Tá na moda. A cultura do entretenimento está por toda parte no mundo, né? Então, todo mundo está atrás da última novidade; todo mundo quer um telefone novo, um relógio novo, uma roupa nova para seguir a tendência da moda. Acontece que essa influência da cultura do entretenimento às vezes também influencia muitas pessoas na escolha da igreja, sabe. A Hillsong é muito conhecida, e isso atrai o público.

Aqui podemos ver como a posição do Brasil no Sul Global e o desejo por modernidade, que parece estar localizada no Norte Global, influencia o tipo de pentecostalismo que é importado. Até mesmo Lagoinha, uma megagreja brasileira influente e bem-sucedida, adota tendências vindas do exterior para conseguir crescer.

Outras igrejas brasileiras têm seguido de perto o estilo da Hillsong. Por exemplo, Aguiar (2020) analisou a “Brasa Church”, um ministério jovem que abriu as portas em 2013 e se filiou à Igreja Brasa, uma igreja batista renovada, localizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Aguiar concluiu que a Brasa Church possui uma congregação de classe média composta por estudantes universitários e trabalhadores profissionais, e tem como objetivo reproduzir o estilo de louvor tão característico da Hillsong e da Bethel. O pastor de jovens da Brasa Church se inspirou em uma visita que fez a ambas as igrejas nos Estados Unidos em 2013. Mais uma vez isso comprova a importância dos fluxos pentecostais que chegam dos Estados Unidos e como a Hillsong Nova Iorque foi fundamental para a chegada da igreja no Brasil. Os cultos de sábado à noite e a infraestrutura adotam

fielmente a estética e infraestrutura da Hillsong. Como esperado, há jovens voluntários com camisetas pretas recepcionando e direcionando as pessoas; a igreja é escura, com telões e iluminação profissional; os cultos são informais e os louvores ganham destaque. Há uma imensa preocupação em receber as pessoas para que se sintam acolhidas e amadas, uma atitude parecida com a mensagem “Welcome Home” ou “Bem Vindo à Casa” na Hillsong. As músicas são traduções de Hillsong United, Jesus Culture e Bethel Music. O uso frequente de palavras em inglês, como “next steps” (próximos passos), um curso “Start” para novos fiéis, “Hub” para as células da igreja, e até o uso da palavra “Church” no nome (Brasa Church) em vez de Igreja, reforça um desejo pela vida de quem vive no mundo anglófono.

Moreira (2018) também notou um padrão em algumas igrejas brasileiras de classe média de imitar a estética das igrejas norte-americanas, como cultos que parecem shows, telões, linguagem voltada para jovens, comunicação através das redes sociais, e assim por diante. O autor (2018, p. 131) observou que “comparadas com suas equivalentes norte-americanas, as igrejas brasileiras [...] parecem ser muito modestas e de certa forma amadoras”. Algo que também notei na Lagoinha. Os longos cabos das câmeras de TV passando muito perto das cabeças das pessoas, o prédio mal construído, o palco pequeno, a falta de uma área de recepção com um café montado, tudo isso tornava a “experiência” diferente em relação à da Hillsong São Paulo, localizada em uma casa de shows luxuosa. Sem dúvida, a filial recentemente inaugurada em Niterói oferece uma experiência estética muito mais próxima à da Hillsong. Moreira (2018, p. 128–131) também mencionou outras duas características dessas igrejas que são semelhantes às minhas conclusões: os pastores nunca haviam visitado as igrejas dos EUA, somente as conheciam pela internet, e utilizavam um nome em inglês ou palavras em inglês em sua igreja.

A importância da língua inglesa foi destacada por um pastor de outra igreja que adotou o estilo da Hillsong. A Igreja no Cinema (INC) foi fundada em 2013 por dois jovens pastores que frequentaram conferências da Hillsong na Austrália e shows da Hillsong United no Brasil há muitos anos.

Como o nome diz, os cultos acontecem em cinemas de shoppings aos domingos de manhã, antes da abertura dos shoppings às 14h. Quando perguntei aos dois pastores fundadores porque a igreja usava termos em inglês como “hangout”, “lead pastor”, “senior pastor”, e assim por diante, eles explicaram:

Isso atrai as pessoas ou gera revolta, porque revela a fraqueza das pessoas. No Brasil, apenas um por cento da população é fluente em inglês. Isso mostra o quanto estamos atrasados! Muitas pessoas vêm (para a INC) porque pensam: ‘Preciso aprender inglês. Vou lá; eles vão me ajudar, me incentivar’.

Para eles, falar inglês era sinônimo de modernidade e, portanto, dizem que o Brasil está “atrasado” em relação ao Norte Global porque sua população não é fluente no idioma. Mas também sentem que o uso do inglês é um atrativo para os brasileiros que querem aprender o idioma, em um processo semelhante ao modo como a Hillsong os atrai. É claro que os pastores sentem que sua igreja se torna relevante para esse grupo não apenas por razões religiosas, mas também pelas oportunidades cosmopolitas que oferece aos membros. Quanto ao motivo de replicaram o estilo da Hillsong, um dos pastores disse:

A Hillsong foi a única igreja que me influenciou no mundo todo. A Hillsong é uma resposta a uma igreja que estava morrendo. Há uma graça especial lá. A Hillsong faz com que a mesma música seja cantada em todos os países da Terra.

Para ele, a Hillsong estava lutando contra o declínio do cristianismo no mundo. O pastor via isso como uma unção especial de Deus. Entretanto, nem todos estão felizes com o fato de as igrejas brasileiras copiarem o estilo da Hillsong. Um jovem brasileiro, que morou em Sydney por mais de uma década e esteve bem próximo da agência de intercâmbio Cristãos no Exterior (capítulo 5), considerou problemática essa imitação. Na sua opinião, as igrejas deveriam ser uma parte orgânica da comunidade e, portanto, não

uma cópia de outras igrejas. Os pastores brasileiros da Hillsong estão bem cientes dessa tendência. Perguntei o que eles pensavam sobre as igrejas que copiam a estética do culto da Hillsong e eles responderam que também eram a favor da adaptação em vez da imitação:

O problema da cópia, às vezes... O Chris sempre fala isso: pessoal, a gente está no Brasil; a forma como nos comunicamos vai ser diferente. O método que usamos talvez mude. Por exemplo, se você olhar para a parte criativa de Londres, eles imprimiram uma cara muito específica de lá. Você pode ver a diferença de Londres para a Austrália. As fotos que eles tiram, a decoração, é diferente. É a mesma visão, mesma casa, muitas coisas parecidas, mas eles têm um toque próprio. Acho importante se adaptar. O problema é quando as pessoas param de pensar e só copiam. ‘Copiar e colar’ talvez seja bom para a igreja que é copiada, legal, mas e depois?

Conclusão

Para que novas formas sensacionais sejam aprovadas ou autorizadas, é preciso negociá-las e aprendê-las. A chegada da Hillsong ao Brasil foi um evento muito esperado. Por anos, os brasileiros pediam que a igreja se estabelecesse no Brasil, como vimos no capítulo 2. Contudo, depois da confirmação da vinda da igreja, levou quase dois anos para os cultos iniciarem. O nome da Hillsong está associado à excelência, e seus cultos são sinônimos de experiências imersivas de alta qualidade. Além de encontrar um espaço adequado e obter a tecnologia de ponta para os cultos, a Hillsong precisava de um exército de voluntários bem treinados para reproduzir as formas sensacionais que a tornaram famosa no Brasil. Os desafios que a igreja enfrentou eram parecidos com os que os brasileiros enfrentavam quando retornavam e tentavam mudar as igrejas locais. Os pastores da Hillsong São Paulo precisaram esclarecer que não estavam “roubando ovelhas”, tinham que promover a inclusividade e a tolerância em relação a outras religiões,

persuadir os voluntários de que todas as tarefas na igreja eram igualmente importantes, instruí-los a evitar o “crentês” e optar por expressões seculares, além de convencê-los a não idolatrar os pastores nem os tratar como celebridades. Em resumo, a Hillsong precisou negociar sua estética moderna com o estilo conservador, hierárquico e mais autoritário do pentecostalismo brasileiro, que é estigmatizado pela mídia e elites culturais no país.

À medida que a Hillsong se tornou mais famosa nas últimas duas décadas, as igrejas brasileiras começaram a adotar algumas de suas características. Algumas se juntaram à Rede e à Família Hillsong para receberem materiais e enviarem pastores para treinamento no Hillsong College em Sydney. Outras copiaram o que viam na Internet — desde o design do logotipo até características típicas das igrejas de buscadores (cultos performáticos, semelhantes a shows, e atividades voltadas para os jovens). Em todos os casos, o uso da língua inglesa foi fundamental para as mudanças nas igrejas. Tanto o desejo de copiar as tendências da moda do Norte Global quanto o uso de expressões em inglês mostram como esses aspectos estão associados à modernidade e o poder que detêm sobre os países do Sul Global.